



TAYLOR, Charles. *Uma era secular*. Trad. de Nélio Schneider e Luiza Araújo. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2010. ISBN: 978-85-7431-377-1, 930 p.

Robson Stigar*
Vanessa Roberta Massambani Ruthes**

O livro *Uma era secular*, traduzido do original *A secular age*, foi publicado no Brasil em 2010 pela Editora Unisinos e vem sendo considerado um clássico no que tange à questão do secularismo. Está dividido sistematicamente em cinco partes, nas quais o autor procura refletir sobre o fenômeno religioso frente ao processo de secularização emergente na sociedade contemporânea, que apresenta uma nova configuração para a religião na sociedade ocidental. Esta passou por profundas modificações no último século e se apresenta, na atualidade, como secular.

Segundo Charles Taylor, o século XXI é caracterizado por uma explosão de novas formas de religiosidade que enfatizam a questão do transcendente e renegam as esferas constitucionalizadas. Ou seja, vivemos um processo de declínio institucional das religiões frente ao Estado e à esfera pública. Fenômeno que, sem negar a dimensão religiosa do ser humano, é denominado secularização da religião. Nesse processo emergente de secularização da modernidade, é natural a aceitação da retirada de símbolos religiosos presentes na esfera pública, bem como a ausência da prática religiosa em seus espaços, o que até então era comum.

Afirma-se que o termo secularização não se refere ao fato de a política ter se tornado secular ou ao fato de os indivíduos terem deixado de frequentar a Igreja, mas ao fato de que a crença em Deus ocorre, agora, em condições bastante diferenciadas. O fato é que a modernidade assumiu um tipo de espiritualidade individual, particular, com ênfase na oração do sujeito que também é uma invenção moderna.

O autor também contextualiza sociologicamente os fatos e afirma que há um temor maior, uma vez que deixamos de ter a Igreja como intermediária para a salvação e nos colocamos diante do “demônio” para nos salvar, ou seja, nos colocamos diante das coisas mundanas, materiais, as chamadas coisas dos “ter” que são na verdade superficiais. Esse medo permanece na era secular, pois estamos na modernidade que, cheia de incertezas e dúvidas, nos mostra um mundo desencantado que nos coloca frente ao universo e demonstra o quão pequenos somos.

O autor procura contextualizar historicamente a era secular e apresenta três formas básicas para compreender a questão da secularidade: a primeira é a tradicional - a separação entre Igreja e Estado; a segunda forma é o desligamento das convicções e práticas religiosas; por fim, a terceira é a compreensão da fé.

Na obra, Taylor revela uma enorme riqueza de detalhes históricos que fazem a diferença na compreensão desse tema complexo e espinhoso que é a secularização. Além disso, sua preocupação em compreender os fenômenos religiosos e sociais que estão

* Doutorando em Ciências da Religião – PUCSP – robsonstigar@hotmail.com

** Doutoranda em Teologia – PUCPR – vanessa_ruthes@yahoo.com.br

interligados com a laicidade permite um novo olhar para a sociedade e para o fenômeno religioso em uma perspectiva ampliada.

Para Taylor, a modernidade que começa a se mostrar a partir de 1500 não é uma diminuição do sentido de Deus, mas a busca de outras formas de expressão deste Deus. O autor afirma que o desencantamento do mundo produz uma realidade distinta daquela que o mundo medieval assumia como verdadeira. Ela traz em si a variedade de teorias que produziram um processo longo e gerou conflitos que não apresentam unidade de solução.

Segundo Taylor, no mundo encantado a linha entre agência pessoal e força impessoal não estava claramente demarcada. No mundo moderno, essa diferença está clara e determinada, pois cada indivíduo possui sua consciência moral que independe de Deus. O mundo moderno é composto por diversas teorias e nenhuma assume hegemonia.

Assim, precisamos ir além da simples afirmação da secularização - existem elementos da formação do eu que devemos considerar. Nesse sentido, o autor estabelece cinco pontos para esclarecer a maneira como ocorreu o desencantamento de um mundo que outrora fora encantado: inicialmente, pretende explicar o que é o alardeado desencantamento e seu alcance; quer explicar como havia tensões antigas internas que conviviam em harmonia; de que forma se mantinha essa harmonia? Como isso se relaciona diretamente com a noção de tempo que era comum; e, por último, trabalha o problema da mudança da definição de cosmos, que foi substituída pela definição neutra de universo.

A Reforma Protestante e o processo de desencantamento do mundo descrito por Max Weber são apontados como os principais impulsionadores da secularização moderna; além disso, o surgimento de uma sociedade disciplinar permitiu que não houvesse mais necessidade de Deus para manter a ordem social, pois o homem é um ser racional capaz de manter a ordem do mundo por si mesmo.

Após o Iluminismo, o humanismo tornou-se uma opção de vida para as pessoas, não havendo lugar para o transcendente. Com o advento da ciência moderna e com o cartesianismo, o universo passou a ser governado pelas leis da causalidade, não dependendo mais da religião para religar o homem com Deus.

Nesse sentido, o autor procura problematizar os diversos males que a imanência da modernidade vem causando para a sociedade. Chegamos ao ponto de nada mais ter sentido para o homem, vivemos num vazio existencial, a existência já não tem significado, as pessoas são mercadorias, o consumo está acima de tudo, a nova religião é o capitalismo.

Uma face do self moderno apresentada por Taylor é a preocupação individual que suplanta a preocupação coletiva. Não há uma preocupação com o coletivo como na era medieval - tudo começa e termina no eu. Este pode ser a mais firme âncora da modernidade. Não há mais necessidade da religião. No cenário da sociedade contemporânea, o individualismo apresenta-se de forma ambivalente - hoje vivemos em um mundo onde a maioria das pessoas possui o direito de escolher a maneira como deseja viver: sua prática cotidiana, sua preferência, sua religião, sua opção política.

Assim, Taylor afirma que nossa cultura sofreu um forte processo de individualização - cada pessoa tem suas características próprias, inclusive na religiosidade. Com isso, temos aumento do número dos que se dizem ateus, agnósticos ou que se afirmam apenas como não religiosos. O autor denomina esse fenômeno

religião mínima, a fé é vivida no individual, no particular, e não mais no coletivo, no público.

Ao estudar a questão da secularização das sociedades contemporâneas ocidentais, Taylor pergunta (página 41): “por que era virtualmente impossível na sociedade ocidental não crer em Deus, por exemplo, em 1500, enquanto em 2000, para muitos de nós, esta escolha aparece não apenas fácil, mas inevitável?” Para responder, ele aponta três motivos, ou três pilares, que sustentavam a crença em Deus em 1500.

Primeiro, o mundo natural era entendido como um *cosmos* ordenado que funcionava sob as ordens de Deus. A intervenção divina era reconhecida nos grandes eventos naturais como tempestades, epidemias, mas também em grandes momentos de fertilidade e prosperidade. Segundo, Deus era necessário para a existência da própria sociedade, não apenas no sentido óbvio de Criador - a própria vida das várias associações que formavam a sociedade estava intrinsecamente associada aos ritos e aos atos de devoção com os quais as pessoas e a sociedade expressavam suas crenças. Terceiro, vivia-se num mundo encantado, povoado por espíritos e demônios - no mundo encantado dos nossos antepassados estavam presentes espíritos bons que atuavam ajudando as pessoas e espíritos maus que as prejudicavam.

Taylor deixa claro que sua preocupação fundamental é demonstrar como ocorreu o processo de saída da magia. O mundo medieval era mágico, cheio de promessas de lealdade e de confiança; o mundo moderno por sua vez, é totalmente baseado em contratos burocráticos, a fé e a palavra não valem nada. O mundo encantado era composto por ritos coletivos que mostravam a manifestação da divindade e quem participava notava a presença de Deus, o vínculo social era entrelaçado com o sagrado - havia uma liga que unia as três esferas da realidade que a sustentavam.

Essa sociedade pode ser resumida, segundo Taylor, da seguinte maneira (página 64): “o clero reza por todos, os lordes defendem todos, os camponeses trabalham por todos”. Isso define como o mundo encantado funcionava. A queda da noção de complementaridade resultou, segundo o autor, no surgimento de antiestructuras que abriram caminho para a secularização. O dilema moderno é lidar como o espaço privado de outrora, que, agora, tornou-se público e precisa ser lapidado para poder ser levado aos demais.

A modernidade estabeleceu um modo de ver e se relacionar com o mundo que destruiu todo tipo de magia, a ação direta de Deus no mundo dos homens. Diferente do epicurismo, que outrora se apresentou como opção, a secularização se impõe como fato inescapável, porém não há um determinismo como muitos entendem sobre o modo como a reforma levou ao ateísmo moderno.

A modernidade estabeleceu um novo modo de ver e pensar o tempo. No mundo medieval encantado, o homem estabeleceu o tempo como *kairós*, o tempo de Deus e da manifestação de Deus. Enquanto isso, no mundo moderno, o homem criou uma nova definição de tempo: o tempo secular.

A obra em análise é de extrema relevância. Durante o seu percurso, o leitor poderá refletir sobre a secularidade de forma sistêmica, ou seja, poderá analisar a secularidade por meio de um contexto histórico, social, político e cultural, numa perspectiva macro, o que permite um novo olhar e compreensão tanto da modernidade, do ser humano moderno, como também do processo de secularização que ainda estamos vivendo.

Recebido: 08/09/2015

Aprovado: 22/10/2015